

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

316.6 VAL, J*Psi 45468

BIBLIOTECA

JORGE VALA • MARIA BENEDICTA MONTEIRO
COORDENADORES

PSICOLOGIA SOCIAL

9.ª Edição Revista e Actualizada

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Apresentação da 9.^a edição

Há trinta anos, em 1993, foi publicada a primeira edição de *Psicologia Social*, um projecto que reuniu docentes das principais instituições portuguesas onde o ensino e a investigação em Psicologia Social se consolidaram. Em 2004, na sua quarta edição, os capítulos desta obra foram revistos e actualizados mantendo-se essencialmente a equipa inicial. Na nova actualização da obra que agora se publica, a sua nona edição, procedeu-se a uma revisão mais profunda, alargou-se o corpo de colaboradores, em linha com a expansão da disciplina, e procedeu-se a uma ampliação e aprofundamento dos domínios de pesquisa abordados. Procurou-se, contudo, manter os objectivos do projecto inicial: reflectir a dimensão internacional da investigação contemporânea em psicologia social, integrar a produção científica nacional e ser um bom instrumento de estudo em língua portuguesa para estudantes e investigadores. Em suma, trata-se de apresentar a abordagem teórica e metodológica da psicologia social que oferece, em vários domínios, perguntas e respostas únicas, distintas e que têm contribuído para o alargamento do campo das outras ciências sociais e, no seu conjunto, para o alargamento da nossa compreensão das relações entre indivíduos, grupos e instituições.

Neste ano, 2013, comemora-se o centésimo aniversário da publicação da obra de John Broadus Watson *Psychology as the Behaviorist Views it*. Esta obra foi fundamental para o desenvolvimento das ciências psicológicas e também para a psicologia social. Como bem recordou recentemente Gustav Jahoda na sua obra *History of Social Psychology: From the Eighteenth-Century Enlightenment to the Second World War*, Floyd Allport foi o fundador da psicologia social experimental, uma marca fundamental na evolução e distintividade da disciplina. Sem que se possam esquecer os primeiros trabalhos experimentais de Norman Triplett sobre a *facilitação social*, ainda no final do século XIX, coube a Floyd Allport desenhar o percurso experimental para a psicologia social, projecto que radica na sua profunda admiração pela obra de Watson. A perspectiva experimental em psicologia social não se perdeu, antes se desenvolveu, apesar de abandonado o behaviorismo como modelo dominante por força do impacto da revolução cognitiva que teve lugar a partir de 1947 pela mão de Jerome Bruner e do seu estudo clássico *Value and Need as Organizing Factors in Perception* (1947), reforçado pela obra *A Study of Thinking* (1956).

A psicologia social não se fecha, porém, num método ou numa perspectiva metateórica. Desde o seu início que é marcada pela diversidade. De par com a emergência da psicologia social experimental, o estudo das atitudes sob a influência de Walter Lippman, em 1922, de Bogardus, em 1925, e de Likert, em 1932, entre muitos outros, levou ao desenvolvimento de escalas de medida e de estudos correlacionais. Não devemos também esquecer as análises qualitativas pioneiras sobre as atitudes conduzidas por William Thomas e Florian Znaniecki, logo nos anos vinte, ou os estudos de observação no terreno de LaPierre, nos anos trinta do século passado.

Do ponto de vista metateórico, a diversidade foi também uma marca da psicologia social, mas aqui acompanhada de conflitos e rupturas nunca ultrapassadas de forma coerente. Lembremos a separação proposta por Wundt entre a sua psicologia fisiológica e a sua “psicologia dos povos”; as oposições radicais entre William McDougall, a favor de uma psicologia social construída a partir do conceito de instinto, e Edward Ross, orientado para o estudo do peso das relações sociais e do controlo social nas opiniões e atitudes, tendo ambos publicado em 1908 manuais de psicologia social com grande impacto académico. Poderíamos continuar os exemplos. Mas deixamos aos leitores a identificação e exame crítico destes posicionamentos controversos ao longo dos capítulos do livro e das temáticas que abordam.

Não deixamos, porém, de abrir desde já algumas janelas sobre os debates mais recentes. Há dez anos, a revista *European Journal of Social Psychology* pediu a uma série de autores um exercício prospectivo sobre o que deveria ser o futuro da psicologia social em domínios que são retomados neste

Reservados todos os direitos de acordo com a lei
Edição da
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Avenida de Berna | Lisboa
2013

manual, tais como o estudo dos estereótipos, o julgamento social, a cognição e a identidade social. As palavras-chave que melhor definem a diversidade de caminhos a seguir e os seus múltiplos cruzamentos são, em nosso entender, as que foram propostas por Susan Fiske: evolução, cultura, mente e cérebro. As abordagens em psicologia social no quadro da perspectiva evolutiva continuam, porém, incipientes e as neurociências sociais são ainda meramente topográficas. O conhecimento mais consolidado está, pois, ainda na interface entre cultura e estruturas mentais. É esta a perspectiva que reflecte este manual que, no entanto, acrescenta um outro eixo analítico sem o qual a psicologia social não será social: a interacção social, a estrutura das relações sociais e as suas assimetrias. Convidamos, então, o leitor a entrar neste mundo entusiasmante que é a psicologia social.

A apresentação dos conteúdos desta nova edição de *Psicologia Social* está organizada de modo a responder a quatro questões centrais: Como se investiga em Psicologia Social? Como nos percebemos a nós e aos outros? Como é que as pessoas e os contextos influenciam os nossos comportamentos e interacções sociais? E como se formam, estruturam e funcionam as representações e as relações sociais? Apresentamos em seguida os capítulos do livro na lógica desta estrutura.

Como se investiga em Psicologia Social? (Capítulo I)

No Capítulo I, *Métodos de investigação em Psicologia Social*, Maria Luísa Lima e Sónia Bernardes pretendem responder à questão básica “Como estudamos o que queremos saber nesta disciplina?”, e “Como descobrimos novos factos ou novas interpretações para os factos conhecidos?”. A resposta a estas perguntas é dada, em primeiro lugar, pela sensibilização à questão epistemológica – o que é conhecer – e depois pela apresentação das etapas da investigação científica, com os seus recursos, ferramentas, métodos de formulação de questões, de observação, de medida e de análise, e ainda das competências que permitem a difusão e a discussão pública do conhecimento. Dando corpo a um dos objectivos do livro, as questões abordadas estão sistematicamente ilustradas por estudos de investigadores nacionais e internacionais. O seu objectivo foi, nas palavras das autoras, fornecer “uma base segura e orientadora para futuras incursões no mundo da investigação científica”.

Como nos percebemos a nós e aos outros? (Capítulos II – V)

No Capítulo II, *Formação de impressões e representações cognitivas de pessoas*, Margarida Vaz Garrido, Leonel Garcia-Marques, Rita Jerónimo e Mário Boto Ferreira abordam o modo como formamos impressões acerca das pessoas que nos rodeiam ou, segundo Asch, como organizamos uma representação que nos permita “compreender” os outros. Dos estudos pioneiros de Asch e Anderson aos desenvolvimentos mais recentes da cognição social, o capítulo apresenta uma sucessão de estudos, nacionais e internacionais, que ilustram, não só os modelos clássicos da formação de impressões sobre a personalidade, mas também os modelos que pretendem estudar como representamos e processamos a informação sobre os indivíduos enquanto mediadores da relação entre os outros como estímulos sociais e as respostas comportamentais.

No Capítulo III, *Atribuição causal e inferência de disposições no mundo social*, Mário Boto Ferreira, Leonel Garcia-Marques, Margarida Vaz Garrido e Rita Jerónimo continuam a mostrar como a investigação em Psicologia Social responde à questão “Como nos percebemos a nós e aos outros” por uma segunda via: a explicação das causas dos nossos comportamentos – que nos permitem prever e compreender as interacções sociais – e a inferência de traços de personalidade para ancorar essas causas. A primeira parte, sobre a atribuição causal, está alicerçada na teoria de Heider, e passa em revista os modelos clássicos de

Kelley, de Weiner e de Jones e Davis, terminando no enunciado do “erro fundamental da atribuição”. Na parte sobre a inferência de traços de personalidade, para além da matriz teórica de Heider, os autores incluem as contribuições mais recentes da cognição social, nomeadamente os trabalhos de Daniel Gilbert, mas também de outros investigadores nacionais e internacionais, que passam a centrar-se na identificação e sistematização teórica dos processos cognitivos que subjazem a essas inferências.

No Capítulo IV, *Sistema afectivo e processamento da informação social*, Teresa Garcia-Marques, através da apresentação de múltiplas investigações, traz para primeiro plano a dimensão afectiva da vida humana e a sua indispensável contribuição para percebermos, uma vez mais, “Como nos percebemos a nós e aos outros”. Para isso, aborda em primeiro lugar a história dos conceitos de afecto e de cognição na psicologia, desde William James e Bartlett a Ekman, Zajonc e Damásio e as propostas formuladas sobre a relação entre esses conceitos. Na segunda parte, o enunciado das áreas de impacto dos afectos nos processos cognitivos (memória, atenção, disponibilidade de recursos cognitivos, selecção da informação, ou intensidade do processamento da informação) abre caminho à apresentação das teorias que, desde a década de 50 até aos nossos dias, vêm enunciando os processos através dos quais as emoções e os afectos interferem no processamento da informação e têm repercussões nos nossos comportamentos.

No Capítulo V, *Atitudes: medida, estrutura e funções*, Maria Luísa Lima e Isabel Correia introduzem as atitudes como um dos conceitos-chave em psicologia social, começando por sensibilizar os leitores para as suas múltiplas definições, desde Thomas e Znaniecki aos nossos dias, ora com uma dimensão mais interna/cognitiva, ora na sua dimensão mais externa/comportamental. O capítulo dedica uma segunda parte à questão da medição das atitudes, descrevendo e ilustrando as medidas directas de auto-relato com escalas clássicas, como as de Thurstone ou de Guttman, e ilustrando com estudos nacionais e internacionais muitas medidas indirectas, de natureza fisiológica, cognitiva e comportamental. Na última parte, as autoras abordam e discutem duas questões polémicas: a estrutura das atitudes (o seu carácter dimensional e a consistência das suas formas de expressão) e as funções das atitudes, motivacionais (Katz), sociais (Tajfel), cognitivas (Heider, Festinger) e de orientação para a acção (Fishbein).

Como é que as pessoas e os seus contextos influenciam os nossos comportamentos e interacções sociais? (Capítulos VI – VII)

No Capítulo VI, *Processos de influência social*, Leonel Garcia-Marques, Mário Boto Ferreira e Margarida Vaz Garrido desafiam os leitores com uma ampla apresentação da espectacular alteração de comportamentos humanos sob a influência da presença de outros em contextos de incerteza. Apresentam, em primeiro lugar, os paradigmas experimentais dos processos clássicos de influência social – formação de normas (Sherif), conformismo (Asch), obediência à autoridade (Milgram) e inovação (Moscovici) – e as teorias de influência social que geraram. Discutem, em seguida, a partir da exploração crítica dos paradigmas experimentais utilizados, a natureza única ou múltipla dos processos de influência, a interacção dos processos de influência e de categorização social e a importância do *Zeitgeist* na determinação da eficácia destes processos.

No Capítulo VII, *A persuasão*, Gabrielle Poeschl responde à questão “como é que as pessoas e os seus contextos influenciam os nossos comportamentos e interacções sociais” através de um processo específico de influência social – a persuasão. Após uma breve apresentação dos modelos iniciais da década de 50, a autora orienta o leitor para a análise do fenómeno de persuasão na perspectiva cognitivista dos anos 80, introduzindo modelos mais recentes de elaboração cognitiva da informação (Petty e Cacioppo) e de processamento heurístico-sistemático da informação (Chaiken). De acordo com a fórmula

clássica de Lasswell, apresenta então a investigação sobre as variáveis que desempenham múltiplos papéis naqueles processos: as características da fonte, do alvo, da própria mensagem e do contexto. A questão dos princípios explicativos dos efeitos vem completar o quadro de variáveis em estudo no fenómeno. O capítulo termina com a apresentação de muitos estudos sobre a persuasão em áreas relevantes da vida social, como os meios de comunicação social, a publicidade comercial e as campanhas de comunicação.

Como se formam, estruturam e funcionam as representações e as relações sociais?
(Capítulos VIII – XI)

No Capítulo VIII, *Estruturas e dinâmicas de grupo*, Jorge Correia Jesuino e João Pissarra sublinham, em primeiro lugar, a centralidade do conceito de grupo na psicologia social, que ilustram com a reconstituição histórica e epistemológica do seu lugar na investigação em Psicologia e com a multiplicidade de definições e de perspectivas teóricas que têm vindo a acompanhar o estudo dos grupos nos últimos 70 anos, desde as teorias dinâmicas às teorias cognitivistas e motivacionais. O capítulo centra-se então nos próprios grupos, enquanto entidades, mostrando as dimensões estudadas pela investigação no quadro das diferentes perspectivas teóricas, em que se destacam as tipologias e as funções dos grupos, a composição e o efeito da homogeneidade/diversidade no desempenho dos grupos, as fases da vida dos grupos, os processos cognitivos, afectivo-motivacionais e comportamentais das dinâmicas grupais e o valor da sinergia na criatividade de grupo. O capítulo fecha com o tema da liderança. Os autores destacam os estudos pioneiros de Kurt Lewin e concluem com a pesquisa de natureza mais cognitiva e processual sobre a formação de lideranças emergentes.

No Capítulo IX, *Estereótipos: antecedentes e consequências das crenças sobre os grupos*, José Marques, Dario Páez e Isabel Rocha Pinto organizam o capítulo em função de algumas questões: Como é representada a informação que possuímos acerca dos grupos sociais? Quais as consequências dessas representações nos julgamentos acerca desses grupos e dos seus membros? Como é que os estereótipos sociais interferem na informação sobre os outros e no modo como a processamos? Qual o impacto destes estereótipos nas relações que se estabelecem entre os grupos na sociedade? A resposta dos autores incide, em primeiro lugar, na definição de estereótipos sociais enquanto estruturas cognitivas e na identificação das suas funções, tais como organizar eficazmente a informação social ou encontrar justificações para as atitudes e comportamentos em relação a outros. Nas partes seguintes os autores traçam a evolução do estudo da componente cognitiva dos estereótipos desde Allport até ao presente. O capítulo termina com uma reflexão que reconhece a importância da perspectiva da cognição social, mas que se congratula por estar em curso uma reaproximação da investigação à dimensão social dos estereótipos, como preconizada por Tajfel. É o caso de alguns modelos mais recentes que os autores expõem, como o dos Conteúdos dos Estereótipos (Fiske e cols.) e o da Ameaça do Estereótipo (Steele e cols.). Em síntese, sobre as relações entre estereótipos, preconceitos e discriminação.

No Capítulo X, *Relações intergrupais*, Maria Benedicta Monteiro desafia inicialmente o leitor com questões relativamente simples sobre o que pensamos e sentimos sobre outras pessoas que achamos diferentes, ou, ao contrário, semelhantes a nós, e qual a justeza dessas percepções e sentimentos, ou se será possível compreender e superar situações de forte antagonismo entre grupos humanos, mesmo que esse antagonismo tenha consequências nocivas para a vida dos indivíduos e dos grupos. O capítulo organiza a abordagem a estas questões em três partes, em que apresenta as principais teorias da Psicologia Social sobre os comportamentos determinados pela relação, real ou simbólica, entre indivíduos enquanto membros de diferentes grupos: na primeira parte, apresenta as micro-teorias de nível intrapessoal, como as teorias da frustração-agressão, ou da personalidade autoritária, em que são os processos internos que

estão na origem da hostilidade ou do preconceito. Na segunda parte, apresenta as teorias que se tornaram clássicas pela sua capacidade heurística, como a teoria do contacto (Allport), a teoria dos conflitos realistas (Sherif) a teoria da identidade social e a teoria da autocategorização (Tajfel e Turner), em que os contextos e as estruturas de pensamento se articulam para explicar as atitudes e os comportamentos de proximidade/evitamento/hostilidade entre grupos. Na terceira parte, explora os desenvolvimentos das componentes cognitivas destas teorias que, desde os anos 80 até ao presente, não cessam de construir paradigmas teóricos e experimentais para as matizar.

No Capítulo XI, *Pensamento social e representações sociais*, Jorge Vala e Paula Castro organizam o capítulo por forma a responder a uma questão de natureza epistemológica: de que forma é que as pessoas respondem à necessidade de reduzir a incerteza da realidade social com o objectivo de construir um mundo significativo? Os autores alojam as respostas dadas pela Psicologia Social em duas perspectivas: a da cognição social (Fiske e Taylor), que se sustenta exclusivamente na arquitectura mental dos processos cognitivos básicos, e a das representações sociais (Moscovici), que articula os processos cognitivos e os factores sociais através das interações sociais. É desta perspectiva que o capítulo se ocupa debruçando-se, em primeiro lugar, sobre os processos de construção do pensamento social, onde faz convergir constructos de outras origens teóricas ou disciplinares (comparação social, negociação de significados, identidade social, consenso e diferenciação). A perspectiva histórica, conceptual e teórica da Teoria das Representações Sociais (TRS) é depois desenvolvida nos seus aspectos nucleares, com profusa ilustração empírica, por estudos portugueses e estrangeiros: as origens do conceito no estudo fundador sobre a representação da psicanálise, a polissemia do conceito de RS, os processos básicos do seu funcionamento (objectivação, ancoragem e modalidades comunicativas), a questão da dinâmica das RS e os estudos sobre inovação, representações hegemónicas e representações polémicas. Numa síntese sobre o estado da arte actual neste domínio, os autores concluem por uma convergência das diferentes abordagens em pontos de consenso centrais.

Agradecimentos

Este trabalho não é uma obra de dois autores, mas de um conjunto de professores e investigadores que têm contribuído para o avanço do conhecimento em fenómenos-chave estudados pela Psicologia Social. Esta obra procura reflectir a pesquisa desses mesmos autores, situando-a no quadro da evolução e da amplitude de uma disciplina que se mantém diversa, mas sempre teoricamente ancorada e socialmente atenta.

Devemos a iniciativa desta 9.^a edição de *Psicologia Social* à reiterada procura das edições anteriores por estudantes e investigadores de língua portuguesa, mas também ao Serviço de Edições da Fundação Calouste Gulbenkian, atento à necessidade de manter a produção actualizada deste manual.

Mas como referimos acima, esta obra não seria possível sem a contribuição dos autores que aceitaram participar neste projecto. Vários destes autores foram pioneiros nas suas áreas de investigação em Psicologia Social. Outros se juntaram a eles e formaram equipas para desenvolver as respectivas áreas. Como coordenadores de *Psicologia Social* deixamos aqui o nosso agradecimento pelas suas distintas contribuições mas também pela sua paciência durante todo o processo de construção e revisão do livro.

Neste longo processo, participaram ao nosso lado dois colegas a quem queremos deixar um agradecimento particular: o João António e o Rui Costa-Lopes, disponíveis e eficientes. Sem eles, verdadeiramente, não teríamos chegado ao fim.

Lisboa, Março de 2013

Jorge Vala

Maria Benedicta Monteiro